I Congresso Internacional
em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental
Garanhuns, Brasil
2024

DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE EM ESCOLAS DO AGRESTE MERIDIONAL PERNAMBUCANO: (DES)FAMILIARIZANDO SENTIDOS

Juliana Guedes Pessoa[1]
juliana.guedes@upe.br
Vitor Hugo Farias de Andrade[1]
vitor.farias@upe.br
Jullyane Chagas Barboza Brasilino[1]
jullyane.brasilino@upe.br

[1]Universidade de Pernambuco (UPE) – *Campus* Garanhuns

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido por membros do Núcleo de Estudos em Gênero e Sexualidades da Universidade de Pernambuco — Campus Garanhuns (NUEGES). Este núcleo faz parte do Laboratório de Ações Coletivas e Saúde - LACS/CNPq, grupo de pesquisas com foco em saúde, território, cotidiano, dentre outras questões sociais contemporâneas. Aqui o objetivo é apresentar algumas das ações e reflexões promovidas a partir de nossas ações de extensão e grupo de estudos.

Isto posto, é importante delimitar que gênero é uma construção que se inicia desde cedo no contexto social (Butler, 2003). Sendo assim, o ambiente escolar é o primeiro espaço de socialização no qual a criança tem contato com visões diversas de mundo, podendo fazer parte de seus processos de subjetivação. Devido a isso, é fundamental entender a participação desse ambiente na construção de sentidos de crianças e adolescentes, tornando a escola um espaço privilegiado para discussões sobre gênero e sexualidade, já que é o primeiro espaço onde se tem o contato com a diversidade (Bento, 2011; Bonfim, Mesquita, 2020).

Por muitas vezes, pode-se pensar que não existe um espaço muito bem determinado para falar de gênero e sexualidades nas escolas. Entretanto, como pontuado por César (2009), a partir da epidemia do HIV/AIDS e gravidez na adolescência, o discurso sobre sexualidade neste espaço acabou ocupando o lugar da prevenção. Ainda segundo a autora, as preocupações com a sexualidade vem desde o século XIX, quando na Europa, as instituições escolares instituíram diversas regras sobre os corpos de crianças e jovens.

Assim, as escolas por muito tempo, constituíram-se como espaços de separação, levando em consideração a classe, hierarquias, abarcando inclusive, o gênero (Louro, 2003). Então, a escola configurava-se como um local de (re)produção de preconceitos. Apesar disso, discutir o conceito de gênero mostra-se como uma ferramenta útil para fomentar discussões sobre questões sociais, bem como pensar nas construções das subjetividades e seus atravessamentos (Bonfim; Mesquita, 2020). Dessa maneira, propondo uma desfamiliarização de conceitos, abrindo espaço para novas discussões e construções de sentidos.

Ademais, quando se pensa em tratar de diversidade sexual e de gênero, evidencia-se uma defasagem na formação de profissionais atuantes nos espaços escolares, que resulta num despreparo para lidar com questões que fogem dos padrões cis-heteronormativos (Ibidem). Portanto, considerando estes fatores, o NUEGES fomenta debates em escolas do agreste meridional pernambucano, buscando discutir os atravessamentos de questões relacionadas a gênero e sexualidades no cotidiano escolar das mais diversas idades.

MATERIAIS E MÉTODOS

São realizados grupos em escolas públicas de ensino regular e/ou integral localizadas em uma cidade do Agreste Meridional Pernambucano, com os públicos de adolescentes, bem como também compreendemos as pessoas que frequentam a educação de jovens e adultos (EJA). Nesses encontros,

são levantadas questões sobre as quais fazemos recortes a partir do que se refere ao objeto de estudo do Núcleo.

As intervenções realizadas pelo NUEGES utilizam de lentes da Psicologia Social para mediar as práticas de cuidado desenvolvidas durante as ações. A partir da observação no cotidiano (Spink, 2007), entendemos que estar em campo também nos implica sobre aquilo que realizamos, sobre os sentidos que construímos utilizando do diálogo para mediar essas interações. Com isso, os espaços de escolas configuram-se como um ambiente amplo e de muitas possibilidades de construções de novos pensamentos e (des)familiarizações. Dessa forma, nos interessa compreender os sentidos atribuídos às problemáticas envolvendo gênero e sexualidades em escolas do Agreste Meridional Pernambucano.

Como uma forma de levantar essas questões, utilizamos rodas de conversas, uma vez que esta é uma forma de produção de dados/informações (Moura; Lima, 2014), que posteriormente são levados em consideração no planejamento de novas vivências, assim alinhando-se com as questões trazidas no grupo. Ademais, a partir desse modelo de prática, conseguimos levantar pontos para análise que são construídos a partir de coletividades, uma vez que as ações são feitas para e com os estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciar a discussão, alinhamos nossa visão com Guacira Lopes Louro (2000), quando a autora propõe que nas escolas há um movimento de dessexualização dos corpos. Neste sentido, dentro dos ambientes escolares, professores/as e alunos/as eram moldados para se encaixar nos padrões esperados pela sociedade. Dessa forma, é possível observar, como é pontuado pela autora, as marcas que as instituições trazem no que diz respeito à formação de identidades sociais, de gênero e sexualidades.

Outrossim, se as escolas não incentivam a discussão sobre as diversas identidades sexuais e de gênero, essas discussões podem acabar não chegando e preconceitos acabam por ser (re)produzidos. Ponto percebido em algumas de nossas ações, quando, por exemplo, levamos uma proposta de autocuidado relacionado ao Novembro Azul (voltado à detecção precoce do câncer de próstata). Sendo possível observar, durante essa ação, os efeitos do machismo sobre as masculinidades. Durante as discussões sobre o cuidado desses homens, foi possível notar que a maioria deles não realizava os exames por ideais de masculinidade difundidos no meio em que viviam, sendo considerados menos homens se realizassem o exame ou se dedicassem tempo ao autocuidado de maneira geral. Alinhado a isso, Pereira *et al*. (2023) pontuam sobre como a saúde masculina ainda é um desafio, justamente devido a essas questões que atravessam suas vivências.

No Brasil existe a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), criada com o objetivo de levar o cuidado qualificado à população masculina, uma vez que as questões relacionadas com a saúde do homem adentravam na saúde a partir de atendimentos especializados, constituindo assim um problema de ordem pública (Brasil, 2009). Entretanto, mesmo após a criação dessa política pública, o cenário não mudou completamente: o acesso a esses serviços ainda continua em defasagem pela população masculina (Brasil, 2022). Nesse sentido, é possível observar masculinidades idealizadas, para demonstrar uma virilidade exacerbada, considerando o cuidado como algo feito para as mulheres (Pereira *et al*. 2023). Assim, observa-se que a defasagem do acesso à saúde por essa população específica, é resultado de heranças machistas construídas e alimentadas pela sociedade.

Nesse viés, o NUEGES considera as diversas formas de discutir gênero, tornando esses debates potencializadores para refletir sobre as questões que perpassam os indivíduos, bem como pontuado por Bonfim e Mesquita (2020). Logo, o objetivo das ações é propor novas construções de sentidos no que diz respeito ao gênero, sexualidade e suas formas de expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O NUEGES utiliza de uma vertente da Psicologia Social, propondo assim uma construção coletiva acerca do gênero e suas reverberações na vida em sociedade. Diante disso, tem como objetivo compreender e construir sentidos através das diferentes visões de mundo que convivem em uma sala de

aula, propondo uma (des)familiarização de conceitos cristalizados sobre o gênero, sexualidades e seus atravessamentos nas práticas de cuidado. As ações realizadas nos indicam várias possibilidades de diálogos e reflexões e pequenas rupturas com o com velhos hábitos nos cuidados de si.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Sexualidade. Educação.

Referências

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Revista Estudos Feministas, v. 19, n. 2, p. 549–559, maio. 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016. Acesso em: 19 mar. 2024.
BONFIM, J; MESQUITA, M.R. "Nunca falaram disso na escola": um debate com jovens sobre gênero e diversidade. Psicologia & Sociedade, v. 32, p. e192744, 2020. Doi: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32192744. Acesso em: 13 mar. 2024.
BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. 2009. Disponível em: https://catalogo.ipea.gov.br/politica/524/politica-nacional-de-atencao-integral-a-saude-do-homem. Acesso em: 28 ago. 2024.
BRASIL. Saúde atualiza a Política Nacional de Atenção à Saúde do Homem. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2021/12/saude-atualiza-a-politica-nacional-de-atencao-a-saude-do-homem. Acesso em: 28 ago. 2024.
BUTLER, J. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
CÉSAR, M. R. de A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". Educar, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009. Editora UFPR. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/KJYWKvFypgHjzbMtm4MvwDv/#. Acesso em: 28 ago. 2024.
GONTIJO, F; ERICK, I. Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. ACENO, v. 2, n. 4, p. 24-40, Ago-Dez. 2015. Disponível em: https://doi.org/10.48074/aceno.v2i4.3181.Acesso em 20 mar. 2024.
LOURO, G, L. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva Pós-Estruturalista. 6 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2003.
LOURO, G, L. O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte, Minas Gerais: Autêntica. 2000.
masculina. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, 5(5), p. 3042-3054. Disponível em: https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/880. Acesso em: 28 ago. 2024.
MOURA, A.F; LIMA, M.G. Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338. Acesso em: 15 mar. 2024.
PEREIRA, G. H. M. C; et al. O desvelar do machismo no autocuidado em saúde da população
SPINK, M. J. P.. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. 1, p. 7–14, jan. 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100002. Acesso em: 22 mar. 2024.